

O PASSEIO

MÍRIAN LUZIA CARVALHO FONKAM

Naquela manhã, nosso coordenador checkou se estávamos apropriadamente vestidos com nossos uniformes e anunciou que a turma iria representar nossa escola, a American Track, num passeio, a uma tribo africana. Ao entrar no ônibus, notei que meus colegas de classe e também os alunos da AUN Academy estavam entusiasmados, talvez, nem tanto pelo passeio em si, mas, pela ideia de poder matar algumas aulas e deixar de fazer provas. Eu estava realmente empolgada com o passeio, pela oportunidade de conhecer uma vila africana e quem sabe, até renderia uma boa crônica. Entrei no ônibus escolar. Sentei nos fundos e me pus a observar a vegetação seca, correr na direção oposta.

Ao chegar, recebemos as boas vindas de crianças, estudantes da escola comunitária. Isso foi precedido pelas danças. Homens tocavam tambor e chocalho, as mulheres dançavam e cantavam com uma energia surpreendente. Logo, alguns estudantes e funcionários da nossa escola entraram na brincadeira. Eu preferir continuar observando.

Depois da dança, fomos direcionados para cumprimentar os chefes da tribo, um de cada vez. Enquanto eu esperava na fila, perguntei ao meu colega, como eu deveria cumprimentá-los, antes que ele pudesse responder, já era a minha vez. Uma confusão tomou conta de minha mente: será que devo apertar a mão deles ou não? Quando me aproximei de um dos chefes da tribo percebi que ele juntou as duas mãos e sorriu. Imitei o gesto para cumprimentar os demais.

Num outro momento do passeio, fomos visitar a escola comunitária. Estava em condições precárias. O quadro negro, praticamente todo corroído. Em vez de cadeiras, nas duas únicas salas da escola, tinham apenas bancos feitos de madeira, que pareciam muito desconfortáveis. As salas sem nenhum sistema de ventilação. Veio-me na mente as escolas do interior do Brasil.

Já estávamos saindo, quando um *câmera man* me parou e perguntou se eu gostaria de ser entrevistada. Concordei.

Então, ele perguntou:

- Qual a sensação de vir aqui, conhecer uma comunidade africana? E, como você compararia a escola que você estuda com a escola comunitária que você acabou de visitar?

Aquela certamente era uma boa pergunta. Mas, deixe-me esclarecer uma coisa. Eu nunca tive o dom das palavras e algumas coisas não mudam. Pelo menos não na velocidade desejada.

Comecei a falar sem saber o que iria dizer e terminei sem saber o que havia dito. Ele se afastou e eu respirei aliviada.

- Meu Deus! Espero que ninguém assista essa entrevista. - Rezei!

Seguindo o programa estabelecido pelo cerimonial da tribo, um homem fez um agradecimento especial à nossa escola pelas doações feitas. Foi aí que nós, alunos, conhecemos o trabalho maravilhoso que nossa escola realizou naquela comunidade.

Estávamos ali para inauguração do poço construído pela nossa escola. Antes nem a comunidade, muito menos a escola comunitária tinham algo que é tão essencial para vida: água potável.

Após a inauguração, fizemos um tour pela comunidade. A pequena tribo lembrava os povoados do interior mais remoto do Maranhão. As casas eram cobertas de palha, feitas de barro em um formato circular. Podia ser visto também pequenas casas de barro que serviam para estoque de grãos. A comunidade também dispunha de uma farmácia improvisada. No entanto, o que mais me impressionou, foi a organização sistemática do povoado.

Perguntei a meu colega de classe: - Será que podemos falar com alguém para ver o interior da casa?

- Tudo bem – Ele disse. Aproximamo-nos de um senhor e pedimos. Este, muito simpático, como um guia turístico, mostrou-nos algumas plantas e o interior de sua casa de apenas um cômodo. Abriu a porta e disse: - Pode entrar.

Movida pela curiosidade entrei na casa sem hesitar. Notei que era frio, considerando que lá fora o calor era de 40°C.

- Muito legal.

De repente, a escuridão tomou conta de tudo... Meu colega tinha fechado a porta, me deixando sozinha no escuro. Assustada, tentei me controlar e parecer calma.

- Êh! Brincadeira! - Ele abriu a porta rapidamente. E Nós rimos.

O dono da casa continuou nos guiando, mostrou algumas panelas do lado de fora da casa e disse, apontando para um pote de barro:

- Essa aqui é nossa geladeira. - Ele riu, sem constrangimento de sua pobreza. – Quer beber?

Eu bem que estava com muita sede, mas a água tinha uma coloração estranha, meio amarronzada. Com certeza, era água que eles bebiam antes do poço ser inaugurado. Ele notou o jeito que eu olhei para a água. Então ele disse:

- Pode beber não mata.

Uma voz na minha mente disse:

- Não mata, mas pode fazer mal.

Não quis ser indelicada, tomei um pequeno gole.

- Muito boa. Obrigada. - Menti.

(Mal sabia eu que teria febre tifoide, uma semana depois. Será que foi daquela água?)

Terminada a programação, entramos no ônibus, exaustos. Sentei e pensei em uma resposta melhor para aquela pergunta da entrevista.

- Conhecer aquela comunidade foi uma experiência maravilhosa da qual eu nunca esquecerei. Mais do que isso, foi uma verdadeira lição de vida. Minha escola me deu a oportunidade de ver, com meus próprios olhos, algo que meus pais insistem em me mostrar. Eu pude entender o real sentido de: "Coma sua comida toda, não desperdice água, valorize o que você tem. Muitas pessoas gostariam de ter um prato de comida assim" ou "faça o melhor que poder com o que você tem". Na verdade, tudo o que os nossos pais e professores querem é que sejamos gratos pelo o que temos, que possamos usufruir e valorizar ao máximo as oportunidades de hoje para que no futuro possamos oferecer oportunidades de melhorias na qualidade de vida de outras pessoas. E, comparando a escola onde estudo com a escola comunitária visitada, a diferença é notável. Em nossa escola, temos cadeiras acolchoadas, mesas, livros, ar-condicionado, laptops, tablets, eletricidade, geradores de

energia, professores e funcionários capacitados além de ambiente apropriado para adquirir conhecimentos. Por outro lado, a escola da comunidade carece de tudo. O que mais me impressionou foi ver que apesar das dificuldades, a comunidade conseguiu se estabelecer por meio de esforço próprio, organização e valorizando as doações recebidas com muita gratidão. Fiquei muito orgulhosa com a responsabilidade social da nossa escola.